

Marina Daipré Targa Fernandes

Análise psicanalítica do sonho de Alice, baseado no filme de Walt Disney “Alice no país das Maravilhas”.

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2011

Marina Daipré Targa Fernandes

Análise psicanalítica do sonho de Alice, baseado no filme de Walt Disney “Alice no país das Maravilhas”.

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Maria Cecília Corrêa de Faria.

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2011

DEDICATÓRIA

Ao mundo imaginário onde todos os desejos
podem se tornar realidade...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha mãe, Linda Cristina, por sempre ter acreditado em meu trabalho e por me dar forças para continuar a caminhar;

Agradeço, também, ao meu pai, Celso Luiz, por fornecer condições para a realização deste sonho;

A minha família por me proporcionar um ambiente acolhedor;

Aos meus amigos e namorado que sempre estiveram ao meu lado me auxiliando e confortando;

A minha orientadora, Profa. Cecília Faria, que esteve sempre disponível e interessada em me ajudar;

E aos professores dos núcleos de psicanálise infantil e educação por terem sido compreensivos e terem oferecido subsídios teóricos para a realização deste trabalho.

FERNANDES, Marina Daipré Targa. *Análise psicanalítica do sonho de Alice, baseado no filme de Walt Disney “Alice no país das Maravilhas”*. 2011. Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília Faria.

RESUMO

O presente trabalho tem a função de fazer uma análise psicanalítica do sonho de Alice, baseado no filme (desenho) “Alice no país das maravilhas” de Walt Disney. A análise do filme se fundamentará na obra de Sigmund Freud “A interpretação dos sonhos. O filme refere-se a um sonho da personagem Alice, no qual a heroína se depara com situações esquisitas e de difícil compreensão, com as quais não consegue lidar, nem entendê-las. Assim, a partir desse sonho maluco e divertido, é que o trabalho de interpretação do filme ater-se-á .

Palavras-chave: Psicanálise, Sonho, Alice no país das Maravilhas.

Alice In Wonderland

Alice, o teu País
Maravilhoso e tão feliz

Onde ele está?
Quero saber, porem ninguém me diz!
Onde ele está?

Quem me dera poder também sonhar
Pois só quem sonha
Teu País pode encontrar...

Alice, o teu País
Maravilhoso e tão feliz...
dizem que só se podem ver...
em sonhos infantis!

Onde ele está?
Quem me dera poder também sonhar...
Pois só quem sonha teu País pode alcançar

Alice, o teu País
Maravilhoso e tão feliz

Ah, quem me dera um dia achar, o teu País

Sumário

	Pág.
Introdução	8
Capítulo I- Consideração sobre o sonho em psicanálise	12
Capítulo II- Contexto histórico de Alice	20
Capítulo III- Análise do sonho de Alice	27
3.1. A rainha de Copas	43
3.1. Comentários sobre a análise do sonho de Alice	44
Considerações finais	47
Referências bibliográficas	49

INTRODUÇÃO

Convém inicialmente observar que, neste trabalho, tive a oportunidade de rever e investigar um dos filmes que marcou a minha infância – “Alice no país das Maravilhas” de Walt Disney – e que, depois de adulta, despertou minha curiosidade, conduzindo-me à investigação e à reflexão científica. Para compreendê-lo e interpretá-lo então, utilizarei a teoria psicanalítica, teoria de meu maior interesse na Universidade.

Nesse filme, Walt Disney faz uma brilhante adaptação da obra de Lewis Carroll (1832-1908), “Alice no país das Maravilhas”¹ e usa partes de seu outro livro, “Alice no país do Espelho”² – continuação do primeiro. Com a junção das duas obras, o filme adquire um aspecto curioso, interessante, “maluco” e divertido.

A linha psicanalítica aqui eleita adveio do fato de a psicanálise abarcar conceitos de meu interesse com os quais venho me identificando desde o primeiro contato com essa teoria. Freud deu sentido para fenômenos que, anteriormente, não eram tidos como significativos ou simplesmente ainda não tinham sido descobertos.

O filme de Walt Disney trata de um processo onírico da personagem principal, Alice. Desse modo, pude vincular a obra fílmica a um conceito fundamental para a psicanálise, que é o sonho.

¹ CARROLL, Lewis (Pseud.). DODGSON, Charles Lutwidge. *Alice no país das maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

² Idem. *Alice no país do espelho*. Porto Alegre: L&PM, 2010. Tradução Jonh Tenniel.

Ao unir a teoria da psicanálise aos sonhos e ao filme “Alice no país das Maravilhas”, o tema assim se estruturou: *Uma análise psicanalítica do sonho de Alice, dentro do filme “Alice no país das Maravilhas” de Walt Disney.*

Método

O motivo pelo qual foi escolhido o filme (desenho) de Walt Disney como objeto de análise do presente trabalho, e não o livro original de Lewis Carroll, advém da observação de que, atualmente, a televisão é o veículo de comunicação de maior acesso da população mundial, e, no Brasil, é através desse meio de comunicação que se dá a maior aproximação entre as obras culturais e os indivíduos.

Além disso, os filmes infanto-juvenis possibilitam o interesse de todas as idades, ou seja, tanto a criança quanto o adulto podem prestigiar a obra cinematográfica proposta. Os desenhos animados oferecem diferentes tipos de experiências, como afirmam Mesquita e Soares³; existem alguns desenhos animados que utilizam conceitos científicos a fim de educar o telespectador e outros que não se comprometem com o aprendizado, mas com a diversão e o lúdico.

Minha preocupação na escolha do objeto a ser investigado, portanto, foi a possibilidade de ele atender a requisitos, como acessibilidade e interesse da maioria da população.

³ MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva & SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa. Visões de ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. *Ciênc. educ.* (Bauru) [online]. 2008, vol.14, n.3, pp. 417-429.

Segundo pesquisa de Pereira 2002⁴, nos dias atuais, a TV assume um papel essencial na vida dos brasileiros, estando presente em praticamente todas as áreas da vida humana e transformando-se em referência simbólica do homem atual. Está presente em mais de 98% das residências brasileiras, e é o meio de entretenimento preferido pelas crianças (88%) as quais assistem a sua programação, em média, três a quatro horas diárias.

Este estudo utilizar-se-á da obra Disney que pode e tem sido projetada na televisão, além de ser igualmente divulgada em cinemas, DVD e *internet*. A preferência pelo trabalho de Walt Disney provém do sucesso que suas obras detêm sobre as pessoas e da credibilidade de seus filmes. Segundo Camargo⁵, a marca Disney é a mais utilizada pelas crianças. Para ela, Walt Disney utiliza-se, normalmente, de uma obra de domínio público, faz sua interpretação e cria uma obra de arte que diverte os telespectadores.

A opção de selecionar “Alice nos pais das Maravilhas” decorre da onipresença dessa temática na sociedade. Já foram lançados, aproximadamente, 15 filmes baseados na história de “Alice”, escrita por Lewis Carroll, em 1865⁶. Atualmente, em 2010, foi lançado um novo filme do Walt Disney que volta a enfocar essa temática. Assim, justifica-se o interesse em investigar acerca do assunto que, ainda hoje, no século XIX, desperta a curiosidade e fantasias em todos que procuram ler a obra e/ou assistir aos filmes e desenhos nela baseados.

⁴ PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção. *Cad. Pesqui.* [online]. 2002, n.116, pp. 81-105.

⁵ CAMARGO, Paula Monteiro de. A influência dos meios de comunicação de massa na formação da consciência infantil a partir da estratégia de comunicação da Disney. TCC, PUC/SP, FACHS. 1997; São Paulo.

⁶ Disponível em: <http://www.imdb.pt/find?s=tt&q=Alice+no+país+das+maravilhas>.

Outro aspecto que me faz querer investigar mais sobre a obra é a temática do sonho. O filme inteiro trata de um processo onírico da protagonista Alice, ou seja, todos os personagens que ali estão, tudo que ali acontece, faz parte do seu inconsciente. Dessa forma, procurarei, na teoria psicanalítica, maneiras de interpretar alguns trechos significativos do sonho de Alice.

Assim, a presente pesquisa organiza-se como uma pesquisa teórica que tem, como base fundamentadora da sua compreensão, a teoria psicanalítica. Serão investigadas a produção de sonhos e a sua interpretação, nos trechos selecionados do filme de Walt Disney “Alice no País das Maravilhas”.

CAPITULO I

CONSIDERAÇÃO SOBRE O SONHO EM PSICANÁLISE

O sonho é um tema que, há muito tempo, vem sendo estudado por profetas, filósofos, cientistas, médicos, psicólogos, entre outros pesquisadores. Ele desperta o interesse e a curiosidade da maioria das pessoas visto que todos os seres humanos passam pela experiência de sonhar. Neste capítulo, utilizarei o olhar da psicanálise, especialmente o de Freud (1856-1939)⁷, contido em seu livro “Interpretação dos Sonhos”, publicado em 1900, para discorrer a respeito desse intrigante tema.

Para a psicanálise, os sonhos são originados de uma atividade mental complexa, possuem legitimidade como atos psíquicos, são providos de sentidos e apresentam uma alta significância para o sonhador. Constata-se que, em sua essência, os sonhos reproduzem realizações de desejos.

Freud relata que, muitas vezes, os desejos são inconscientes e penosos de serem levados à consciência. Dessa maneira, o sonho, ao ser lembrado e narrado, sofre distorções em decorrência da censura. É interessante observar que essa censura não possui um caráter criativo, mas sim defensivo.

Podem-se considerar os sonhos como um modo de “pensar” onírico que se atém, primordialmente, a fatos ocorridos no dia anterior; no entanto, isso não significa que o seu conteúdo essencial – a realização de um desejo – indique algo ocorrido neste dia, pois os sonhos podem utilizar experiências de qualquer momento

⁷ FREUD, Sigmund.. *A Interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001. Tradução de Walteredo Ismael de Oliveira.

da vida, desde que essas experiências remotas estejam ligadas, de alguma forma, à experiência do dia anterior.

Os sonhos, com frequência, captam experiências pouco significativas e as tornam muito significativas a ponto de chegar à consciência. Isso ocorre porque alguma experiência forte (de muita intensidade) deslocou sua energia para uma experiência insignificante (fraca). Esse processo, denominado de deslocamento, é de natureza primária, tido como uma manifestação da distorção onírica.

...o trabalho do sonho está sujeito à exigência de combinar em uma unidade todos os estímulos ao sonhar que estiverem simultaneamente em ação. Verificamos que, quando restam do dia anterior duas ou mais experiências capazes de criar uma impressão, os desejos delas derivados se combinam num único sonho e, de modo similar, que a experiência psiquicamente significativa e as experiências da véspera são reunidas no material onírico, sempre desde que seja possível estabelecer entre elas idéias comunicantes⁸.

Freud ressalta que as experiências significativas da infância têm papel primordial nos sonhos. Algumas vezes, porém, elas são difíceis de serem lembradas e interpretadas, por isso muitas pessoas têm dificuldade em aceitar que o sonho se fundamenta em experiências pessoais. Quando a experiência infantil do sonho é lembrada, ou seja, é representada pelo conteúdo manifesto, esta só pode ser feita através de uma alusão. Dessa forma, a maneira mais eficaz de ter compreensão dos conteúdos latentes é por meio de uma interpretação. Como os sonhos podem conter mais de uma realização de desejos e mais de um sentido, encontra-se, na base desse encadeamento de sentidos e desejos, um desejo oriundo da infância.

⁸ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001. Tradução de Walteredo Ismael de Oliveira. p. 231-2.

Freud preocupa-se em explicar as fontes somáticas de estimulação durante o sonho. Para ele, os estímulos que aparecem são incorporados na trama da realização dos desejos, de forma que a essência do sonho não é prejudicada pela entrada desses estímulos.

O material somático exerce função similar à das experiências recentes do dia anterior, ou seja, são incorporadas no sonho e recebem cargas de energias de outras experiências significativas por deslocamento. Vale lembrar que essa combinação não precisa ocorrer, isto é, se o estímulo for de intensidade muito forte, a pessoa pode acordar. Dessa forma, a profundidade do sono, em conjunto com a intensidade do estímulo, determinará a sua função e destino, que poderá ser a supressão do estímulo, o despertar da pessoa ou a incorporação do estímulo no sonho.

Antes da existência da teoria psicanalítica, os pesquisadores que tentavam desvendar os mistérios dos sonhos, só tinham, como instrumento de avaliação, o seu conteúdo manifesto, ou seja, apenas o disfarce e a distorção como base para a sua investigação. A psicanálise, entretanto, encontrou outro sentido, mais profundo e claro, sem máscaras ou distorção, mas de difícil acesso e interpretação, que são os conteúdos latentes ou pensamentos do sonho.

Freud ressalvou que o sonho, em seu conteúdo manifesto, está ligado às experiências recentes enquanto que, em seu conteúdo latente, está ligado às experiências mais remotas.

Para fazer a análise de um sonho e conseguir entrar em contato com seu conteúdo latente, é preciso compreender os trabalhos e os processos que ocorrem

durante o sono: a Condensação, o Deslocamento, a Representabilidade, o Simbolismo e a Elaboração Secundária.

Para a Psicanálise, nunca se tem certeza de que um sonho foi totalmente interpretado, esgotado de sentido, pois não é possível medir e decifrar o volume de condensação nele presente.

A condensação é um dos importantes trabalhos do sono, e o seu papel é juntar/combinar (condensar) os pensamentos oníricos, tornando-os fundidos. Esses conteúdos, muitas vezes, parecem caóticos e sem coerência, mas, na verdade, possuem mais de um sentido que foram condensados. A formação dos sonhos é baseada nesse trabalho de condensação; nele, não são apresentados os conteúdos latentes como eles de fato são, e sim uma visão condensada do mesmo.

Outro trabalho importante do sonho é o de deslocamento onírico que, junto com o de condensação, delimita a forma característica dos sonhos. Dessa maneira, é correto afirmar que esses dois trabalhos são fatores dominantes do sonho.

O trabalho de deslocamento tem origem na censura que atua como uma defesa psíquica; tem a característica de transferir/deslocar o sentido de uma ideia, representação, figuração de alto valor psíquico para outra de baixo valor psíquico. Isso ocorre porque o psiquismo não pode, por defesa, representar diretamente o desejo original. Assim, por conta do deslocamento, aspectos considerados sem importância e sem validade podem ter sido deslocados e passam a apresentar grande relevância na interpretação do sonho.

Existe, também, outro tipo de deslocamento que se traduz numa mudança da expressão verbal dos conteúdos latentes. É claro que, nos dois tipos de deslocamentos, ocorre uma transferência ao longo de uma cadeia de associações,

mas, nesse outro tipo, pode acontecer de um elemento isolado ter sua forma verbal substituída por outra.

As palavras possuem numerosas representações e são ambíguas; dessa forma, elas oferecem vantagens aos trabalhos do sonho, em termos de condensação, disfarce e deslocamento. Esse deslocamento é apropriado para explicar o aparecimento do fantástico e absurdo no qual os sonhos se disfarçam.

A representabilidade faz parte do trabalho do sonho que transforma ideias e pensamentos em imagens. O seu trabalho é não só combinar as ligações que existem entre todas as partes do conteúdo latente em uma única situação, como também indicar que a proximidade de elementos pode mostrar uma ligação entre eles e exibir uma ligação lógica por meio da simultaneidade do tempo.

Para uma análise da relação entre conteúdo manifesto e conteúdo latente do sonho, faz-se necessário um esclarecimento acerca das características formais do método de representação dos sonhos. As mais frequentes são as diferenças de intensidade sensorial entre as imagens oníricas específicas e a nitidez de certas partes de sonho, ou de sonhos completos, com relação a outros.

O contexto do real não tem a menor significância na determinação da intensidade das imagens oníricas, o que ocorre é que os elementos do sonho com maior intensidade psíquica, maior valor psíquico tendem, geralmente, a estar na parte mais clara e nítida do sonho, enquanto que os elementos de pequena intensidade costumam aparecer nas partes, ou nos sonhos mais obscuros. Além disso, é interessante observar que os elementos mais intensos do sonho são aqueles que tiveram, em sua formação, o maior volume de condensação.

Freud ressalta a presença do simbolismo nos sonhos e observa que é impossível chegar a uma interpretação dos conteúdos oníricos sem levá-lo em consideração. Afirma, porém, que o método de tradução dos símbolos deve seguir como método auxiliar ao da interpretação dos sonhos. Para ele, os sonhos usam do simbolismo para representar, disfarçadamente, seus conteúdos latentes.

Os símbolos não precisam possuir apenas um significado, podendo conter mais de um sentido, e, por isso, a interpretação correta deve-se partir de um contexto. Outro aspecto importante é que, ao longo tempo, o símbolo permanece na sociedade e é influenciado para sua formação, pelo folclore, mitos populares, expressões idiomáticas e chistes.

Ainda para Freud, os afetos ocorridos nos sonhos são da mesma intensidade dos da vigília, porém, muitas vezes, os afetos no sonho parecem não ser compatíveis com as representações às quais estão ligados, pois passam pelo processo de deslocamento, substituição e distorção, enquanto que o afeto permanece inalterado. Por isso, o afeto é considerado por Freud como o único que pode ajudar a preencher pensamentos latentes que faltam na interpretação do sonho, pois é, por meio dele, que se procura a representação correspondente a ele mesmo. No entanto, cabe lembrar que todo elemento presente no sonho pode representar o seu oposto, e esse fenômeno não exclui os afetos.

A quinta etapa do trabalho do sonho, denominada de elaboração secundária, pode atuar nos sonhos, formando elos ou preenchendo lacunas entre dois fragmentos do conteúdo do sonho. Também faz com que o sonho perca sua característica absurda e desconexa e passe a se aproximar do modelo de uma

experiência da vida de vigília. Mesmo contribuindo com uma intensidade plástica nos sonhos, a elaboração secundária nem sempre tem êxito em seu trabalho.

A parte processada pela elaboração secundária é mais fácil de ser esquecida do que os conteúdos latentes. Essa quarta etapa age, ao mesmo tempo, num sentido condutor e seletivo sobre o material latente, mas exerce influência menos compulsória nos sonhos. Dessa forma, dadas as características acima, pode se constatar que a elaboração secundária é identificada com a atividade de pensamento da vigília.

Para finalizar o estudo dos trabalhos dos sonhos e clarear os conceitos e as ideias que expus nos parágrafos acima, citarei um trecho escrito por Freud, que resume os processos da transformação dos pensamentos do sonho em conteúdos manifestos.

o trabalho do sonho não é apenas mais descuidado, mais irracional, mais esquecido e mais incompleto do que o pensamento de vigília; é inteiramente diferente deste em termos qualitativos e, por essa razão, não é, em princípio, comparável com ele. Não pensa, não calcula nem julga de nenhum modo; restringe-se a dar às coisas uma nova forma. Pode ser descrito de forma exaustiva mediante a enumeração das condições que tem de satisfazer para produzir seu resultado. Esse produto, o sonho, tem, acima de tudo, de escapar à censura, e com esse propósito em vista, o trabalho do sonho se serve do deslocamento das intensidades psíquicas a ponto de chegar a uma transmutação de todos os valores psíquicos. Os pensamentos têm de ser reproduzidos, exclusiva ou predominantemente, no material dos traços mnêmicos visuais e acústicos, e essa necessidade impõe ao trabalho do sonho uma consideração a representabilidade, que ele atende efetuando novos deslocamentos. É provável que se tenha de produzir intensidades maiores do que as disponíveis nos pensamentos oníricos durante a noite, e para essa finalidade serve a ampla condensação efetuada com os componentes dos pensamentos oníricos. Pouca atenção é dada as relações lógicas entre os pensamentos; estas acabam recebendo uma representação disfarçada em certas características formais dos

sonhos. Qualquer afeto ligado aos pensamentos oníricos sobre uma modificação menor do que seu conteúdo de representações. Tais afetos, por via de regra, são suprimidos; quando retidos, são desligados das representações a que pertencem propriamente, sendo reunidos os afetos de caráter semelhante. Apenas uma única parcela do trabalho do sonho, e uma parcela que atua em grau irregular – a reelaboração do material pelo pensamento de vigília parcialmente desperto –, ajusta-se em certa medida à visão que outros autores procuram aplicar a toda atividade da formação do sonho⁹.

Verifica-se, assim, que o sonho não é algo místico que prevê um acontecimento posterior, não é um sintoma patológico, pois não implica num desequilíbrio psíquico e não acarreta numa perda de habilidades. O sonho ocorre através de mecanismos complexos geridos por duas instâncias psíquicas – subconsciente e inconsciente –, e ele mesmo mostra como chegar à compreensão de suas estruturas.

Dessa forma, para Freud, a teoria dos sonhos considera os desejos provindos da infância como força motivadora e indispensável para a formação dos sonhos. A interpretação dos sonhos, portanto, além de ser o caminho correto para o entendimento das atividades inconscientes da mente é também um método imprescindível para psicanálise, de forma que é a via segura e real para o inconsciente.

⁹ FREUD, op. cit. p. 490- 1.

CAPÍTULO 2

CONTEXTO HISTÓRICO

Antes de analisar o sonho de Alice, é preciso investigar o momento histórico no qual a heroína estava inserida e a concepção de criança e família que se tinha no momento vivido por ela, portanto, experienciada pelo autor.

Essas investigações temporais são importantes e necessárias, pois Alice é uma personagem e, dessa forma, é impossível ter acesso a sua vida pessoal para além de seu sonho. Entretanto, para nós, em nosso imaginário, Alice é “de carne e osso”.

O filme não indica a época que estava sendo retratada; no entanto, como a obra de Walt Disney é uma adaptação do livro de Lewis Carroll, “Alice no país das Maravilhas”, publicado na Inglaterra, em 1865, utilizarei o momento histórico do livro como contexto para interpretar o sonho de Alice: Inglaterra, século XIX, período vitoriano.

Outro ponto importante a ser elucidado é a classe social de Alice. É preciso também considerar esse aspecto, pois a vida e a rotina das pessoas (crianças, jovens, mães, pais) variam de acordo com sua condição econômica.

No filme, observamos que Alice veste-se bem, tem acesso ao campo/jardim, à cultura, à educação – ela lê poesias e histórias – e tem tempo para sonhar. No período vitoriano, época da revolução industrial inglesa, as crianças de classes baixas e pobres não tinham esse tempo de devaneio, pois tinham que trabalhar para

ajudar no sustento de seus lares. Portanto, suporei que Alice vem de uma família de classe média alta e elucidarei aspectos de sua classe econômica na época vitoriana.

Londres, capital da Inglaterra, em 1851, estava vivendo um período de superioridade no Reino Unido, constituindo a primeira Nação Industrial. Esse período, foi denominado de a “soberba orgulhosa”¹⁰.

A sociedade britânica foi considerada uma sociedade dual, paradoxal por excelência: lá havia o maior porto do mundo, o centro de todas as atividades de lazer e era a sede dos “acadêmicos”. Em contrapartida, havia também vários tipos de vícios, como prostituição, drogas, além de ser a “morada” de rebeldes. Com a industrialização, a cidade cresceu sem planejamento, e a população dobrou em trinta anos.

A Rainha Vitória foi tida, na época, como “mãe da pátria”, pois representava uma estabilidade que a sociedade estava em busca. A sociedade vitoriana era imbuída de valores denominados de “puritanos”, ou seja, aqueles que correspondiam ao espírito de economia, dedicação ao trabalho, grande importância à moral, à etiqueta e ao rigor, além da preocupação com os deveres da fé. Essa época foi caracterizada pelos avanços de técnicas, pela aspiração ao progresso e pelos estudiosos. No entanto, aspectos relacionados ao vício, à preguiça e ao abuso eram relacionados à pobreza. Na sociedade Vitoriana, havia uma repulsa pelo vício, e o sexo era considerado como vicioso e um tabu.

Britto¹¹, em sua pesquisa, observa que a Inglaterra, no século XIX, de um lado, vivenciava um período de crescimento nas áreas científicas e tecnológicas,

¹⁰ CHARLOT, Mônica & MARX, Roland. (orgs.). *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades..* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Tradução Lucy Magalhães.

assim como o nascimento de vertentes diferentes do pensamento filosófico – positivismo, evolucionismo; de outro lado, essa época foi marcada pela moralidade rígida e pelo puritanismo. Dessa maneira, o século XIX foi caracterizado como um período de tensão entre o moderno e a tradição e entre a religião e a ciência.

A época vitoriana, então, foi assinalada como um momento histórico de tensões e questionamentos. Monteiro¹² observa que foi preciso achar um ponto de sustentação, um alicerce, para que as pessoas pudessem se estabilizar, e essa base foi construída no lar.

À mulher foram designados os cuidados desse lar e, para esta assumir a função de cuidadora, zeladora da moradia, era preciso que tivessem introjetadas, dentro de si, qualidades muito prezadas para época, como a moral e a castidade.

A mulher sofria repressões em sua vida pessoal, de forma que era vista como “assexuada”, e seus investimentos e paixões eram apenas relacionados ao lar, filhos e deveres domésticos. No entanto, mesmo que “assexuada”, essa mulher não poderia negar a satisfação dos desejos sexuais do marido, quando solicitado por ele. A mulher, então, era considerada infantil, irracional, sexualmente instável, além de ser excluída do mundo público e dos negócios. A medicina avalizou, na época, a hipótese de que as mulheres, devido à instabilidade do sistema nervoso e reprodutivo, estavam mais vulneráveis à loucura do que o homem. Essa crença foi utilizada não só para afastar a mulher das atividades profissionais e políticas, como também para mantê-las sob o domínio dos homens por questões de família e de Estado.

¹¹ BRITO, Bruna Perrella. *Alice no país das maravilhas: uma crítica à Inglaterra Vitoriana*. Centro de comunicação e Letras- Universidade Presbiteriana Mackenzie.

¹² MONTEIRO, Maria Conceição. *Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca*. Universidade Federal Fluminense.

A educação, então, era diferenciada de acordo com o sexo. As meninas estudavam delicadezas, como bordado, pintura, poesia e economia doméstica; os meninos estudavam ciências, profissões técnicas e o poder. As meninas, para serem representantes do lar, preparavam-se com orientações morais e sociais dadas pelas preceptoras contratadas pelas famílias. Estes ensinamentos, apesar de muitas vezes não serem dados pelas mães – que não podiam, ou não queriam, exercer esse papel de educadora, talvez, porque poderia comprometer seu *status* perante a sociedade – eram muito cobrados e exigidos por elas.

O casamento era considerado não apenas como um simples contrato civil, mas como um ato de alto valor religioso e político. Era um “negócio” dirigido por parentes, amigos, os quais tinham de avaliar os interesses e benefícios para a realização, tais como: nome, dinheiro, situação e reputação. O casamento ocorria entre pessoas iguais em classe econômica e era tido como meio mais favorável para o sexo seguro. A família construída através de um casamento adequado funcionava como garantia de bom nascimento e bom sangue¹³.

É importante destacar o sentimento de infância que se fazia presente no século XIX, qual seja, de fragilidade, debilidade e inocência. A noção de inocência excluiu a criança dos assuntos relacionados à sexualidade, e a dedicação à infância passou a ser ligada à preocupação moral. Dessa forma, os costumes vigentes da época passaram a dar alta importância ao recato, ao pudor, à reserva e ao controle¹⁴.

Essa concepção de infância, no entanto, nem sempre foi assim; ela se iniciou no século XV e XVI, quando as crianças passaram a ocupar um lugar de

¹³ SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. *Vidas Abandonadas: crime, violência e prisão*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC- São Paulo, 2005.

¹⁴ ARIES, Philippe. *A história social da infância e da família*. 2ed. Tradução Dora Flaksman.

“paparicação” dentro de suas famílias, e se cristalizou, no final do século XVII, por causa da cristianização dos costumes e o batismo. No século XVIII, a concepção de inocência tornou-se um lugar comum na sociedade.

Anteriormente às épocas citadas, a criança era considerada como um adulto em miniatura e era vista como diferente somente em relação ao seu tamanho e força. A infância era uma fase pouco significativa e suas características de fragilidade e dependência eram pouco estimadas. Dessa maneira, esse período não era tido como importante na vida das pessoas e, por isso, não era notado.

Como crítica a essa transição da concepção de infância, cito Rocha¹⁵ que aponta para a constante mudança na forma de pensar a criança, e as divergências conflitantes que esses últimos pensamentos acarretaram.

Vimos nascer aí um sentimento contraditório que atribui à criança a ingenuidade e a inocência e, ao mesmo tempo, a imperfeição e a incompletude, transformando as atitudes sociais em “paparicação”, ou em “moralização”, que acabam por refletir-se como oposições fundamentais na orientação dos modos clássicos de inserção dos novos sujeitos à sociedade.

Alice, portanto, viveu num período de tensões, mudanças e repressões, tanto na área afetiva, quanto em seu cotidiano. A concepção de criança e família transformou-se, e a sociedade passou por transições econômicas e sociais. Essas características da época, certamente, influenciaram e tiveram grande peso na formação da individualidade de Alice.

¹⁵ ROCHA, Eloisa Acires Candal. *Infância e Pedagogia: Dimensões de uma intrincada relação*. 1996, p.24.

Dentro desse contexto, não podemos deixar de assinalar que o autor do livro original, Lewis Carroll, seria, atualmente, considerado como pedófilo. Tinha como “hobby” e fonte de prazer, tirar fotos erotizadas e sensuais de crianças. Em seu livro “Alice no país das Maravilhas”, ele escreve sobre sua paixão por Alice, uma garotinha pela qual se encantou. O livro, por se tratar de uma paixão de Lewis Carroll, não tem fim. O autor não termina o sonho de Alice, a fim de sempre tê-la presente em seus sonhos. Como exemplo de sua condição de pedófilo, e sua fantasia erótica por Alice, cito um poema que está escrito nas primeiras páginas do livro.

“Juntos na tarde dourada
 Suavemente a deslizar,
 Nossos remos, sem destreza,
 Dois bracinhos a manejar,
 Pequeninas mãos que fingem
 Nossa direção guiar.

As Três cruéis! Nesta hora,
 Sob este sonho de tempo,
 Implorarem por histórias
 Com o mínimo de alento!
 Mas que pode a pobre voz
 Contra três línguas sedentas?

Proclama Prima o edito
 “Comecel!”, diz sobranceira.
 Mais gentil, Secunda espera:
 “Que não contenha asneira!”
 Tertia a cada minuto
 Detém o conto, faceira.

E de repente o silêncio,
 Com os passos da ilusão
 Perseguem a criança-sonho

Pelas terras da invenção,
Falando a seres bizarros...
Uma verdade, outra não

E assim que a história secava
As fontes da fantasia,
Em vão tentava o cansado,
Desfazer o que tecia,
“Mais, só depois...” “É depois!”
Gritavam com alegria.

Forjou-se assim, lentamente,
O País das Maravilhas,
Está pronto, para casa
Já foi virada a quilha
Pela alegre equipagem
Sob um sol que já não brilha.

Com mão gentil, entre os sonhos,
Alice! Guarda este conto
Na memória da infância,
Sob seu místico manto,
Grinalda que um peregrino
Colheu em terras de encanto.”

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DO SONHO DE ALICE

Alice, garotinha inglesa de aproximadamente 9 anos, estava tendo aula de história com sua irmã mais velha, quando adormece. Antes de dormir, a menina refletiu sobre a ideia de “como alguém poderia gostar de um livro sem imagens” e começa a imaginar como seria um mundo criado por ela.

No início do sonho, Alice explica ao seu gato que, em seu mundo, os animais e as flores falariam. Eis que, de repente, passa por eles um coelho branco com um relógio na mão dizendo estar atrasado.

Alice, curiosa, busca saber para onde o coelho vai e o segue até uma toca estreita. Ao entrar na toca, ela cai sozinha – sem o gato – em buraco escuro. Caindo nesse buraco, Alice vê vários objetos flutuando, todos sem conexões entre si. A garota observa quadros, gaiola, lareira, espelho, escrivaninha, livros, flores, relógio, cadeira, bule, janela, entre outras coisas desconexas.

Após encontrar o fim do buraco, Alice chega a uma sala e continua a seguir o coelho. Ele passou pela porta, e ela, para conseguir atravessá-la, abriu 5 sub-portas as quais diminuíam de tamanho, até chegar a uma sala vazia onde só havia uma porta falante.

Nesse trecho do filme, podemos comparar o buraco em que Alice cai e as portas de difícil acesso com o ingresso ao inconsciente. Quando a personagem vai em busca de seu desejo, o coelho, cai dentro de si mesma e começa a sonhar.

Convém notar que o coelho pode simbolizar a pressa, de forma que, durante todo o sonho, fica olhando em seu relógio de mão, dizendo que é tarde e que está atrasado. Resta investigar a que pressa ele se refere e para quê.

A porta pergunta o que Alice está procurando, e ela diz que procura o coelho branco. A porta, então, o mostra e diz que Alice é muito grande e, por isso, sua passagem lhe seria difícil. Apesar disso, não era impossível de atravessá-la, pois ali nada era impossível. Pede, então, para que Alice beba o líquido contido no frasco que se encontra em cima da mesa. A garota obedece a ela e se torna pequenina. Alice, porém, esquece-se de pegar a chave – a que abriria a porta – que se encontrava em cima da mesa, e, para consegui-la, a garota precisava ficar grande novamente. A porta sugere, então, que Alice coma uns biscoitos para crescer. Alice aceita a sugestão, come o biscoito e cresce, porém cresce demais e, não vendo mais possibilidade de passar pela porta, começa a chorar.

Quando a porta diz que ali nada é impossível, ela se refere ao inconsciente de Alice, pois, no inconsciente, tudo é possível: todos os desejos e conflitos mais intensos e mais antigos estão ali arquivados, prontos para serem representados e elaborados/revividos. Dessa maneira, podemos entender que o Mundo das Maravilhas não é nada menos do que uma parcela do inconsciente de Alice.

Alice deparou-se com o conflito de que uma pessoa pequena conseguiria passar pela porta, porém só uma pessoa grande teria acesso a essa porta (chave). Esse conflito indica a avidez da personagem; mostra que ela gostaria de crescer para ser independente, mas sabe que existem coisas que serão perdidas com o seu crescimento. Dessa forma, diante desse

impasse, Alice se desespera, pois ela quer tudo: ser criança e adulta, ao mesmo tempo.

O choro de Alice é tamanho que forma um mar. Em meio ao seu choro, a garota encontra o frasco com o líquido que a fez diminuir e o ingere. A garota volta a ficar pequenina ao ponto de cair dentro do frasco. Ao navegar dentro do frasco, pelo seu mar, Alice se arrepende de seu choro, busca por ajuda e observa alguns animais nadando, até que cai em uma praia com alguns bichos que rodam em volta de uma pedra para se secar. Ela avista o coelho, e vai atrás dele para uma floresta.

O jeito que Alice resolve seu impasse é se tornando bem pequena, chegando ao ponto de cair no frasco. Porém, Alice não fica feliz com as decisões tomadas. Ela queria conseguir tomar decisões como uma pessoa grande (adulto), mas, como é criança, acaba esquecendo algumas coisas importantes, como a chave na mesa, e não consegue tolerar a frustração.

Chegando à floresta, Alice perde de vista o coelho e encontra dois rapazes que parecem bonecos, Tweedle Dee e Tweedle Dum. Eles percebem que a garota é curiosa e lhe contam uma história chamada “A foca e o carpinteiro” ou “A História das ostras curiosas”.

A história do conto trata de dois amigos – a foca e o carpinteiro – que estavam famintos andando pela praia e encontraram, no mar, algumas ostrinhas. A foca jogou seu charme e pediu para que as ostras o seguissem; porém, a mãe das ostras disse para elas não o seguirem, pois ainda não era o tempo certo de as ostras saírem. As ostrinhas relevaram o aviso da mãe e seguiram a foca que as comeu todas, sem deixar nenhuma para seu amigo carpinteiro.

Este conto, no sonho, mostra como o superego da personagem é castrador, pois o castigo para a desobediência é a morte. Essa severidade do superego é característica de uma criança ainda não amadurecida, que ainda tem dificuldades em equilibrar seus afetos, os quais ora são bons, ora ruins, não admitindo nuances.

Também refere-se ao que Alice aprendeu desde pequena: dever-se-ia sempre ouvir os mais velhos e obedecer-lhes, como sua preceptor a e mãe. Essa questão da obediência era muito enfatizada na educação das meninas do século XIX, o que justifica, de certa forma, a severidade do superego de Alice.

Além disso, o conto aponta para curiosidade, característica inerente à personagem, como uma coisa má. Certamente para época, a curiosidade na mulher não era bem vista, pois ela não era criada para pensar e investigar, mas para ser uma boa dona do lar.

Outro aspecto que o conto traz é a questão do tempo, pois a mãe ostra avisou que ainda não estava na hora de as ostrinhas saírem, ou seja, elas ainda eram novas (crianças) demais para serem independentes e saírem de seus lares.

A história ilustra como o tempo, na concepção infantil, parece concebido de maneira muito diferente do tempo real dos adultos. Na concepção infantil, o termo “depois de amanhã”, por exemplo, é muito longe e, por isso, o alerta da mãe ostra não pode ser ouvido/aprendido pelas ostrinhas/crianças.

Após o término da história, Alice abandona os rapazes e sai pela floresta até encontrar uma casa. A garota aproxima-se da casa e avista o coelho branco que a chama pelo nome Mariana (Mary Ann), e diz que está muito atrasado, mandando a

personagem buscar suas luvas. Alice não se sentiu confortável em receber ordens de um coelho, pois pensou que poderia receber ordens de sua gata também.

Convém recordar que Alice, logo nos momentos iniciais do adormecer, toma como interlocutora preferencial sua gata. Essa democracia, apenas aparente de relação, mostra-se falsa no momento em que a personagem recebe ordens de animais.

Conforme ia procurando as luvas, come um biscoito que a faz crescer. deixando o coelho muito assustado, porque pensa que a garota é um monstro. O coelho pede ajuda a dois animais que passavam por lá, os quais tiveram a ideia de puxar o monstro pela chaminé. Essa ideia, porém, não funcionou, pois, quando um dos animais foi tentar tirar Alice por lá, a garota espirrou, o que fez com que o animal saísse voando da chaminé. Depois, quando tiveram a ideia de queimar a casa, Alice ficou preocupada e resolveu comer alguma coisa para tentar diminuir. Ela, então, comeu uma cenoura e voltou a ficar pequena. O coelho que estava atrasado saiu correndo com seu relógio, e Alice saiu atrás dele, ambos deixando o outro animal sozinho queimando a casa.

É importante notar que, no sonho, Alice mostra uma extrema dificuldade de aprender com as experiências, pois, durante todo o processo onírico, a personagem come ou bebe substâncias que a fazem mudar de tamanho.

Alice, ao comer o biscoito, cresceu, porém os outros, ao verem a garota grande, chamaram-na de monstro. Às vezes, é assim que uma criança enxerga o desconhecido (a vida adulta), como um mostro, que é temido e atraente, ao mesmo tempo.

Alice sai à procura do coelho e vê um jardim, onde encontra borboletas que se parecem com fatias com manteiga, e uma mosca que se parece com cavalo, denominada, no sonho, de moscavalo. Nesse jardim, Alice encontra flores falantes e cantantes. As flores cantam para a garota, e a garota se atreve a cantar um trecho da música também “tudo pode se aprender entre as flores, sobretudo aquelas em botão, quem aspira o aroma dessas flores sente o bater de um coração”.

Ao término do espetáculo musical, as flores perguntam a Alice de que jardim viera, se ela era flor silvestre, de que espécie e gênero era. A personagem fica confusa, mas reponde que é do “generus humanos”, e seu nome é Alice. As flores, não contentes, dizem não conhecer nenhuma flor Alice e começam a caçoar da garota, criticam suas pétalas, sua cor que denominam de pitoresca, seu cheiro que afirmam ser ausente e suas hastes que afirmam ser magricelas. Em meio a essa confusão, uma flor criança diz que acha a garota bonita, mas é logo repreendida pela mãe. Alice diz para as flores que não é flor, as flores pensam que ela é uma erva daninha (um matinho).

Freud¹⁶, em seu artigo “O estranho” (1919), relata que o estranho relaciona-se com aquilo que é assustador e provoca medo e horror. Também faz uma consideração sobre o medo de o estranho perseguir e contaminar os demais com a sua condição. Dessa forma, se Alice fosse considerada flor, por ser diferente, ela seria tida como perigosa, ao olhar das flores, pois é assim que tratamos quem não consideramos nossos semelhantes, com temor e receio.

¹⁶ FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1996.

A essa altura, Alice se ofende e diz não ser um matinho, porém as flores não acreditam nela. Consideram-na, então, perigosa. Como a garota poderia contaminar o lugar com suas sementes, as flores pedem para que ela vá embora, e a expulsam do jardim.

Alice fica brava e diz que, se fosse do tamanho normal, poderia arrancá-las à vontade, para que aprendessem a lição. A garota cai em uma folha com água e as flores riem dela. A personagem, ainda brava, repete a frase que cantara junto das flores com ironia “tudo pode se aprender entre as flores, hum... Elas é que poderiam aprender boas maneiras”.

No diálogo com as flores, nota-se um alto grau de condensação, como por exemplo, quando Alice vê o “moscavalo” – uma mosca e um cavalo fundidos – e as borboletas, que são também fatias com manteiga, outros dois elementos fundidos.

Além desses elementos em que está mais explícita a condensação, existem as próprias flores, que parecem flores, mas que tem a fisionomia e as características de mulheres adultas.

Alice, inicialmente, fica contente em sentar-se junto com as flores (adultos) e se sentir pertencente ao mundo delas. Porém, isso não dura muito tempo, pois as flores percebem que Alice é diferente: não é desenvolvida como elas, não tem cheiro, a sua haste é magricela, e suas pétalas são mal formadas. A única que se identifica com Alice e a considera bonita é uma flor criança. As crianças não têm, inicialmente, em seu desenvolvimento, o medo ao estranho. Este temor é um medo que a cultura impõe à sociedade.

As flores, então, a expulsam do lugar por achar que ela podia contaminar os demais. Pode-se fazer uma analogia a essa situação de como a criança se sente excluída e discriminada por não poder escutar e nem participar das conversas “particulares” dos adultos. Esse medo dos adultos, na época de Alice, pode ser explicado devido à imagem de criança como um ser inocente e frágil, privado de discutir alguns assuntos, principalmente, os que envolviam sexo. Outro ponto que fazia com que os adultos excluíssem as crianças de seus ambientes é a noção de criança desprovida de saber, criança ignorante. Dessa forma, os adultos não queriam que suas conversas fossem contaminadas com a ignorância das crianças.

Alice frente a essa exclusão e discriminação por sua condição infantil, considerada inferior para época (não diferente), desejava crescer para conseguir participar das conversas e eventos, nem que fosse brigando, arrancando as flores.

Alice, que se encontrava agora na floresta, olha para o céu e vê algumas imagens de fumaça. Ao segui-las para saber o que esta acontecendo, ela escuta uma voz cantando “aeiou... oueioa...ueioua”, até que se depara com uma lagarta em cima de um cogumelo, fumando narguile e cantando. Alice sobe para o cogumelo que estava ao lado da lagarta e fica observando-a. Quando a lagarta notou que estava sendo observada pela garota, ela perguntou, iniciando um diálogo:

LAGARTA– *Quem és tu?*

ALICE– *Eu já nem sei senhor, mudei tantas vezes desde hoje de manhã, como vê...*

LAGARTA– *Eu nada vejo, explica-te.*

ALICE– *Sinto muito, mas não posso explicar senhor, já não sou a mesma como vê.*

LAGARTA– *Eu nada vejo.*

ALICE– *Não sei como vou explicar, pois para mim não é nada claro.*

LAGARTA– *Tu? Quem és tu?*

ALICE– *Primeiro não devia dizer-me antes quem é você?*

LAGARTA– *Por quê?*

ALICE– *Ai... Ai... tudo aqui é tão confuso.*

LAGARTA– *Não é não.*

ALICE– *Pois, para mim, é.*

LAGARTA– *Por quê?*

ALICE– *Não posso mais lembrar das coisas como antigamente.*

LAGARTA– *Recita!*

ALICE– *Heim? Oh.. Oh! Sim , senhor. “Com que destreza a abelhinha faz cada...”*

LAGARTA– *Auto! Não estais recitando corretamente. É assim: Âh... Com que destreza o crocodilo não espadana a cauda e na água rápida do Nilo como ele não se espalda? Que graça e que leveza aquela, como ele é sedutor e engole os peixes pela goela com um sorriso encantador.*

ALICE– *É muito bonita mas nunca vi recitada assim.*

LAGARTA– *Eu sei. Eu aprimorei.*

ALICE– *Bem se me permite...*

LAGARTA– *Tu? Quem és tu?*

Nesse momento, Alice sai brava de perto da Lagarta, a qual pede para ela esperar e voltar, porém a garota continua a caminhar brava, até que a lagarta implore para que ela espere, pois tinha algo importante a lhe dizer. A garota, então, volta até a lagarta e diz:

ALICE– *O quê?*

LAGARTA– Muita calma.

ALICE– *É só isso?*

LAGARTA– *Não. Exatamente qual é o teu problema?*

ALICE– É exata... é exata... bem... é precisamente isto. Eu queria crescer mais um pouquinho.

LAGARTA– *Por quê?*

ALICE– *É que afinal 10 cm é um tamanho ridículo e...*

LAGARTA– *Eu tenho exatamente 10 cm e me orgulho muito do meu tamanho!*

ALICE– *Mas eu não gosto disso, e não grite tanto!*

Alice, em seu encontro com a lagarta, se vê confusa em sua própria condição de ser. A lagarta assemelha-se não só ao papel de um terapeuta, quando instiga Alice a pensar sobre o que ela é, mas também a um preceptor, quando pede para Alice recitar um verso.

A personagem estava confusa, pois havia mudado de tamanho várias vezes durante o sonho. Essa percepção em conflito sobre si mesma diz respeito ao que pode ter acontecido com ela, em sua vida real, pois os adultos costumam falar para a criança que ela já é grande para fazer tal coisa, mas pequena para participar/fazer outras.

Quando a lagarta pergunta qual é o problema de Alice, ela está se referindo ao desejo, e não ao problema de fato. Alice diz que gostaria (desejaria) de crescer mais um pouquinho, pois o tamanho em que estava era considerado ridículo. A criança não tinha voz, não era escutada, na época de Alice, por isso quanto menor fosse, menos valor se tinha para a sociedade.

A lagarta ficou muito nervosa com Alice e fumou muito de seu narquile virando uma borboleta. Mas, antes de ir embora, a lagarta deu uma dica à garota: um lado do cogumelo a faria crescer, e o outro lado, diminuir.

Alice come um pedaço do cogumelo, pois estava cansada de ser pequenina, e cresce muito, ficando com a cabeça em cima das árvores, com um ninho de pássaro em cima de sua cabeça.

A mãe pássaro gritou “*Serpente!!!!*”, pois ela achou que Alice fosse uma serpente que ia comer seus ovos. Alice disse que não era serpente, e a mãe pássaro perguntou então quem ela era. A garota respondeu que era apenas uma pequena menina. A mãe pássaro debochou do comentário “pequena menina” e a personagem olha para baixo e diz: “*eu sou, quer dizer, eu era...*” A mãe pássaro perguntou se a menina gostava de ovos e, quando ela respondeu positivamente, a mãe pássaro continuou a gritar “*serpente!!!!!!*” “*serpente!!!!!!*” para Alice.

A lagarta deu a opção de Alice crescer ou diminuir ainda mais. Como a personagem, cansada de ser pequena (criança), desejava crescer, resolveu, então, comer a parte do cogumelo em que a faria ser grande. Porém, novamente, Alice cresceu demais e foi considerada como uma serpente (monstro) por outro animal.

Alice, mesmo que desejasse, não sabia como agir como uma pessoa grande, pois, dentro dela, ela ainda era uma pequena menina. Também, sempre que ela se tornava uma pessoa grande, tornava-se um mostro ao olhar dos outros. Alice, então, às vezes, olhava para o mundo adulto como temido e assustador, como se fosse um monstro, característica do desconhecido.

Alice resolve comer a outra parte do cogumelo, pois a faria diminuir e, assim aconteceu, porém ela voltou a ser pequena demais. Alice, então, resolveu apenas lamber o cogumelo que a faria crescer, pois queria crescer somente um pouco e conseguiu ficar no seu tamanho normal. A garota decidiu guardar os cogumelos no bolso do vestido, caso precisasse futuramente.

Alice estava novamente na floresta sozinha, quando se deparou com uma árvore com várias placas, indicando várias direções. Ela fica confusa, sem saber para onde ir ou que caminho tomar, até que escuta uma voz cantando e encontra um gato de Cheshire que desaparece e aparece quando quer. Alice pede para ele não desaparecer, pois quer saber que caminho deve seguir.

O gato responde que isto depende do lugar aonde ela quer chegar. Alice diz que isso não importa, e o gato afirma que, se isso não importa, também não importa para que lado a garota vai seguir. O gato explica que, se estivesse procurando o coelho branco, ele iria ao Chapeleiro doido.

Alice não gosta da ideia de visitar gente louca, e o gato diz que ela pode ir até o caminho da Lebre, mas que ela também é maluca. A garota diz ao gato que não quer ver gente maluca, mas o gato observa que é inevitável, pois tudo e todas as pessoas do lugar em que eles estão são malucas. Depois de terminar de falar, o gato desapareceu. Assim, Alice seguiu para a casa do Chapeleiro Maluco.

Nessa parte do sonho, Alice fica confusa sobre qual caminho tomar. Não sabe se é melhor ser grande e participar do mundo adulto, ou se prefere ficar no seu mundo infantil, já conhecido por ela. Porém, qualquer uma de suas escolhas será uma decisão que ela mesma considera maluca e arriscada. Seria maluco se ela crescesse, pois não sabia como agir no mundo adulto, e seria

maluco se ela continuasse criança para sempre, pois não existia ninguém no mundo que ficasse criança para sempre.

O gato, nesse momento do sonho, assemelha-se também a um terapeuta, na medida em que faz Alice pensar sobre quão absurdos são, por vezes, os dilemas da vida.

Ao final da conversa com o gato, a personagem decidiu que seguiria o caminho até o Chapeleiro, pois o gato informou que, se ela quisesse encontrar o coelho, era esse o caminho que ela deveria tomar. Assim, Alice novamente vai em busca de seu desejo, o coelho (a pressa).

Alice achou a casa engraçada, entrou e se deparou com uma mesa grande sobre a qual havia várias xícaras e bules. Sentados no começo da mesa estavam a Lebre e o Chapeleiro maluco, tomando chá e cantando a música “Um bom desaniversário para nós”. Alice sentou-se numa cadeira e, quando eles terminaram a música, a garota aplaudiu, porém eles pareceram não gostar e disseram que a mesa – a qual estava vazia – estava cheia demais e que era muito feio se sentar à mesa sem ser convidada. Alice desculpou-se e disse que tinha gostado da cantoria dos dois, os quais ficaram muito felizes com o comentário e a chamaram para tomar uma xícara de chá.

Alice desculpou-se por atrapalhar o chá de aniversário, e eles explicaram que não era de aniversário e sim de desaniversário. De forma confusa, eles explicaram que todos os dias que não eram o dia do seu aniversário era o seu desaniversário e que era isto que eles estavam comemorando. A personagem contou que era seu desaniversário também e eles decidiram comemorar com a canção, com um bolo e com um ratinho que saiu do bolo.

O chapeleiro e a lebre perguntavam coisas a Alice e não a deixavam responder, falavam coisas confusas e não a deixavam tomar o chá. Quando perguntaram à garota sobre sua preocupação e o que procurava, Alice começou contar de quando estava com sua gata, porém o ratinho que estava na xícara ficou muito agitado ao ouvir a palavra gato e tiveram que acalmá-lo colocando geléia em seu nariz.

Mudaram de lugar na mesa e decidiram mudar de assunto. O chapeleiro, então, perguntou: *“Por que um corvo se parece com uma mesa?”* Alice, para entender a charada, repetiu o que o chapeleiro falou. Enquanto repetia a pergunta, a lebre e o chapeleiro a chamaram de louca e agiram como se estivessem com medo dela. Alice ficou brava e disse que já era hora de partir.

Alice ia sair quando entrou o coelho branco correndo e dizendo que *“era tarde, era tarde, era tarde”* e que estava atrasado. O chapeleiro pegou o relógio do coelho e disse que este estava atrasado dois dias, por isso que ele deveria estar com tanta pressa e resolveu consertá-lo.

O Chapeleiro abriu o relógio, tirou as molas – que ele considera como o maior problema – e colocou vários alimentos da mesa, como manteiga, geléia, limão e sal, dentro dele. Quando chegou à hora de ligar, o relógio ficou pulando, fazendo um barulho maluco. O chapeleiro, aflito, esmagou o relógio e afirmou que ele não tinha conserto. O coelho ficou triste e disse que foi presente de desaniversario. A Lebre e o Chapeleiro pegaram o coelho e o jogaram para fora da casa. Alice foi correndo atrás dele e disse que este foi o chá mais maluco e bobo que viu na vida e saiu à procura do coelho.

No encontro de Alice com a lebre maluca e o chapeleiro, o ponto crucial é o desejo da personagem de comemorar todos os dias como se fosse seu aniversário. Todas as crianças de classe média alta – as que têm festa e recebem presentes em seu aniversário – desejam que esse dia se repita sempre, pois, no aniversário, além de a criança ganhar presentes, ela recebe a atenção de todos.

Além disso, a cada aniversário que se passa a criança/pessoa fica mais velha. Dessa forma, se Alice gostaria de ter mais aniversários do que os que já tivera, significa que ela gostaria de se tornar mais velha do que era.

Alice tem pressa para se tornar adulta, o que é uma característica infantil. A personagem, como é criança, não tem noção do tempo, não sabe o que é a vida e, por isso, precisa de experiência.

Quando a Lebre e o Chapeleiro, que são malucos, dizem que Alice é que é maluca, essa afirmação pode estar relacionada à sociedade da época que considerava a mulher mais vulnerável que o homem para a loucura. No entanto, na realidade, o chapeleiro e a lebre estavam projetando suas próprias inadequações em Alice.

Alice volta à floresta, zangada e farta de maluquice e afirma que queria ir para casa naquele instante, que não importava mais para onde iria o coelho.

A garota na floresta se depara com alguns bichos esquisitos, mas não dá importância para eles; continua andando e encontra animais que não a tratam bem. Alice se vê sozinha no escuro, em um lugar maluco, quando, de repente, ela encontra alguns animais que apontam um caminho para ela – caminho que para Alice era o de sua casa –. Com essa informação, a garota fica contente e segue o

caminho indicado às pressas, porém, quando se encontrava no meio dessa estrada, um cachorro vinha apagando a trilha em que seguia.

Alice fica triste e resolve ficar parada, pois era o melhor conselho a se dar. Fica se lamentando sobre nunca seguir os seus próprios conselhos e ser tão curiosa. A garota chora, e os animais se comovem com a situação.

Frente a tantos empecilhos e responsabilidades, Alice desiste do seu desejo de perseguir o coelho, embora não lhe seja fácil. Ela se lamenta novamente por não ter conseguido suportar as dificuldades de ser grande e ficar longe de casa. Alice, como qualquer criança, desejava agora ir para casa e ficar junto de quem a protege. Ela também se lastima sobre sua curiosidade, a qual não era vista como característica positiva da mulher do século XIX.

Os animais vão desaparecendo aos poucos e começa-se a escutar a voz do gato cantando. O gato aparece e pergunta se ela procura o coelho branco, e a garota diz que não, que apenas quer ir para casa, mas não acha o caminho. O gato diz que ela não pode achar o caminho, pois tudo que existia ali era da rainha e que ela (a rainha) ficaria louca por Alice. A menina pergunta onde encontrar a rainha e o gato dá algumas opções, mas abre um atalho no tronco da árvore onde estava em cima e Alice entra no jardim da rainha.

Alice novamente procura por um caminho, mas não mais um caminho do tempo/pressa (coelho), e sim um caminho do conforto de casa. Nesse momento, Alice desiste de seu desejo de crescer e ter responsabilidades para desejar ser criança, paparicada e cuidada para sempre em seu lar.

3.1. A rainha de Copas

A rainha de Copas! Impossível deixarmos de lado a Rainha de Copas, figura tão relembrada por todos que já assistiram ao filme ou leram o livro. A Rainha de Copas é uma figura de autoridade – é uma Rainha. Porém, ela usa sua autoridade de modo ditatorial, revelando-se uma pessoa intolerante, irritadiça, impaciente e desrepeitosa para com quem quer que seja que tenha cometido um erro. Muito possivelmente essa personagem simboliza e representa alguns aspectos da mãe de Alice – tais como Alice os percebia.

No sonho, a Rainha coloca-se na função de educadora quando pede, com autoridade, polimento nas ações da garota: diz para ela olhar enquanto fala, falar direito, parar de mexer com as mãos, colocar os pés para dentro, fazer referência e abrir mais a boca. Além dessas observações, a Rainha constantemente enfatiza que tudo ali no mundo era seu.

Esse contexto, provavelmente, assemelha-se ao que Alice passa em sua casa. Sua mãe deveria, com frequência, não só ensinar-lhe bons modos de modo exigente, como também advertir que aquela era **sua** casa e que, quando a filha, Alice, tivesse a dela, poderia fazer as coisas do jeito que achasse conveniente.

Podemos pensar na hipótese de que o desejo de crescer tenha vindo à tona, na cabeça de Alice, para que ela pudesse, tornando-se mulher e dona de seu próprio mundo/lar, fugir da vida regrada que tinha em sua casa.

O rei, possivelmente, simboliza o pai de Alice, o qual, classicamente, está um pouco ausente das lides domésticas. O homem do século XIX deixava a responsabilidade de cuidar dos filhos e do lar para a mulher. Dessa forma, ausentava-se da vida e da educação de seus filhos. Pode-se supor que esse

aspecto não foi diferente na vida de Alice, de forma que o rei, em seu sonho, não tinha autoridade ou influência alguma no Reino de Copas.

O gato reaparece no sonho com um papel diferente: em vez de questionar Alice, ele aparece com a função de bagunçar, fazer travessuras com a rainha. A garota levava a culpa por todas as travessuras do gato, sendo por ela condenada. Essa situação deve ser parecida com a que Alice vive em sua casa, sempre sendo responsabilizada por qualquer travessura que acometa o seu lar.

Alice, por ser castigada e não ser ouvida, muitas vezes, desejava ser grande, porque assim, além de ser escutada, ela seria temida. Possivelmente, era dessa maneira que a garota via os mais velhos, com respeito – por isso costuma os ouvir – e com temor – monstro.

Assim, no momento em que Alice come os cogumelos que estavam em seu bolso e se torna grande, ela se sente imponente e segura para dizer o que realmente pensa.

3.2. Comentários sobre a análise do sonho de Alice

Convém notar que, na parte final do sonho, ocorre um encontro breve de Alice com alguns personagens que ela encontrou durante sua viagem no Mundo das Maravilhas. Concomitante a isso, Alice estava sendo perseguida pela Rainha e seus baralhos.

Alice, provavelmente, sentia-se perseguida em seu lar. Para ela, tudo o que ocorria em sua casa em relação a travessuras, ela era considerada culpada. Além de ser condenada por tudo, a garota, provavelmente, não via chance e nem abertura, em seu lar, para explicar o que, de fato, aconteceu.

No entanto, ela, também, vê o seu lar como um lugar protetor e acolhedor, pois, quando não via mais saída e se encontrava desiludida, era para casa que a personagem desejava voltar.

Alice, durante todo o sonho, vai a busca do coelho branco, e seu tamanho permanece instável, ora está grande, ora está pequena. Dessa forma, nota-se que Alice está num impasse entre desejar crescer e permanecer criança, indicando também certa avidez.

Toda vez que Alice se encontra em situações “difíceis”, a personagem toma decisões imaturas, coerentes com a sua idade, e deseja voltar para casa no conforto e proteção de seu lar. Com isso, observa-se um desejo de permanecer criança/filha, a qual não tem responsabilidade, é protegida e é cuidada pelos pais.

No entanto, ao longo do sonho, é observado um intenso desejo de crescer e participar do mundo adulto. Desejo esse que é temido e, ao mesmo tempo, fascinante.

Esse desejo é comum em crianças pequenas visto que elas se identificam com seus pais, cuidadores e irmãos mais velhos e querem/desejam participar desse mundo ideal – adulto.

O desejo pode voltar a acometer a Alice, de forma que ela vivia numa casa onde havia muita repressão e não podia ser ouvida. Como menina, ela sabia que a

única maneira de conseguir sair daquele ambiente/lar repressor, era crescendo, tornando-se mulher.

Dessa forma, observa-se que a personagem persegue, durante todo o sonho, o seu desejo, o coelho branco, que simboliza a pressa. Alice, então, tem pressa de crescer, ela já não vê a hora de conseguir se igualar às pessoas a sua volta. Para ela, “Já é tarde” para continuar sendo criança, ela quer ser dona de seu próprio mundo.

Podemos pensar que o autor do livro original, Lewis Carroll, escreveu essa história do sonho de Alice, pensando no seu próprio desejo de ver Alice grande/adulta. Se a garota fosse adulta, esse amor poderia ter sido permitido e vivido por eles. Mesmo que o autor tivesse se encantado por Alice na sua condição infantil, o que explica um desejo da personagem de permanecer criança, Lewis coloca como desejo prevalente o tornar-se adulta de Alice, pois, só assim, esse amor seria possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante, inicialmente, ressaltar que essa pesquisa foi realizada, primordialmente, para me permitir compreender, de modo adulto, um filme marcante da minha infância: “Alice no país das Maravilhas”.

Neste trabalho pude investigar questões referentes à teoria de Freud sobre os sonhos e a constituição de família no século XIX. A partir dessas considerações, me foi possível fazer a análise de alguns aspectos do sonho de Alice.

Freud afirma, em “A interpretação dos sonhos”, que todo o processo onírico faz referência à realização de um desejo infantil. Essa hipótese pode ser comprovada nesta pesquisa, na medida em que foi possível observar, no sonho de Alice, um desejo prevalente oriundo da infância, desejo de crescer, tornar-se adulta.

As crianças, desde muito cedo, costumam amar e se identificar com os seus pais. Assim sendo, elas desejam poder fazer parte do mundo adulto, dos pais.

No caso de Alice, esse desejo voltou a acometer e povoar seus pensamentos, por conta do ambiente repressor em que estava inserida. Dessa forma, a personagem voltou a desejar crescer para fugir do seu lar castrador e ditatorial.

Para possibilitar uma análise coerente e fidedigna do processo onírico de Alice, foi necessário pesquisar a sociedade à qual a personagem pertencia. Alice viveu no século XIX, na Inglaterra, período Vitoriano. Essa época foi marcada pela moralidade rígida, cujas principais guardiãs eram as donas dos lares, as mulheres. Assim, as meninas eram criadas para terem qualidades, como recato, pudor, reserva e controle que deveriam lhes ser inerentes. Dessa maneira, constata-se que o

ambiente para mulher era muito reduzido e castrador, visto que sua maior ambição deveria ser coordenar o seu lar.

Outro aspecto que apareceu de maneira significativa no sonho da nossa heroína foi a questão do mundo adulto (desconhecido) visto como um monstro. Nos trechos em que esse conflito aparece, é elucidado o tema do estranho como algo assustador, que pode machucar, perseguir e atrair, ao mesmo tempo.

Apontei, nessas considerações, alguns dos assuntos que mais me interessaram e me intrigaram durante a realização deste trabalho. É importante esclarecer que a interpretação dos sonhos, ou de qualquer obra, nunca são totalmente esgotadas, de forma que sempre existe algo a ser ainda investigado e destrinchado.

Portanto, sei que minha pesquisa não foi a pioneira neste assunto e nem será a última, mas espero que ela tenha contribuído para uma compreensão mais complexa da presente obra. Neste trabalho, tive a oportunidade de investigar vários fenômenos que antes eu não podia perceber ou entender. Dessa maneira, como na minha infância, rever e averiguar sobre esse belo filme foi igualmente prazeroso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIES, Philippe. **A história social da infância e da família**. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. Tradução Dora Flaksman.

BRITO, Bruna Perrella. **Alice no país das maravilhas**: uma crítica à Inglaterra Vitoriana. Centro de Comunicação e Letras- Universidade Presbiteriana Mackenzie.

CAMARGO, Paula Monteiro de. **A influência dos meios de comunicação de massa na formação da consciência infantil a partir da estratégia de comunicação da Disney**. TCC, PUC/SP, FACHS. São Paulo, 1997.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. **Alice no país do espelho**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

CHARLOT, Mônica & MARX, Roland. (orgs.). **Londres, 1851-1901**: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Tradução Lucy Magalhães.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standart* brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1996.

MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva & SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa. Visões de ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. **Ciênc. educ. (Bauru)** [online]. 2008, vol.14, n.3, pp. 417-429.

MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. In.: **Fragmentos**. Florianópolis: [s/e], jul - dez/ 1998, volume 8, n. 1, p. 61/71.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção. **Cad. Pesqui.** [online]. 2002, n.116, pp. 81-105.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. Infância e Pedagogia: dimensões de uma intrincada relação. **Perspectiva:** Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis, ano 15, n. 28, jul./dez. 1997.

SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. **Vidas Abandonadas:** crime, violência e prisão. Programa de Estudos Pós Graduados em Ciências Sociais, PUC- São Paulo, 2005.

Site:

< <http://www.imdb.pt/find?s=tt&q=Alice+no+país+das+maravilhas> > Consultado em de abril de 2011

Filme- Desenho

Walt Disney, “Alice no país das Maravilhas”.1951